

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Internet e a memória dos matemáticos no Brasil.

Diogo Franco Rios*

Resumo: A memória, mantida viva nas instituições e grupos a partir de práticas de memória: celebrações, ritos, mitos, monumentos, é um tema já bem desenvolvido na historiografia, que discute questões fundamentais, como a produção de lugares de memória pela sociedade contemporânea. O advento das novas tecnologias de comunicação e informação, especificamente da internet, propicia à sociedade e aos grupos uma alternativa para o trabalho de memória.

Este trabalho apresenta uma discussão sobre o papel da internet para a constituição e preservação da memória dos matemáticos e da matemática no país.

Palavras-chave: Memória – Internet – Matemática/Brasil.

Abstract: The memory has kept living in institution and groups starting from practices of memory: celebrations, rites, myths, monuments is a theme has already been developed quite in historiography that discuss fundamental questions like the production of memory places by contemporary society. The advent of new communication and information technologies, specially internet, provide to society and groups an alternative for the work of memory.

This work presents discuss about the role of internet for the constitution and preservation memory of the mathematician and mathematic in the country.

Keywords: Memory – Internet – Mathematic/Brazil

A discussão da relação entre história e memória tem ocupado exaustivamente a historiografia contemporânea, produzindo um vasto material a respeito. Inicialmente, Bergson analisa a memória individual como um fenômeno privativo e interno, abordagem fortemente atacada pelo sociólogo Maurice Halbwachs que, distinguindo a memória individual da memória coletiva, considera ambas como fenômenos construídos socialmente, submetidos a flutuações, transformações e mudanças em função das relações estabelecidas entre os indivíduos e os grupos sociais.

Aprofundando e estendendo o debate, Nora discute a supremacia da história sobre a memória nas sociedades contemporâneas, tratando ainda da produção e manutenção dos “lugares de memória”, da necessidade individual e grupal de se fazer percebido, de registrar

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, da Universidade Federal da Bahia - UFBA e Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB.

de alguma maneira sua presença no mundo e na história, de se fazer lembrar pelas próximas gerações.

[...] a passagem da memória para história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. [...] Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. (NORA, 1993: 17)

Todavia, destacando as influências metodológicas da sociologia de Durkheim na abordagem de Halbwachs, que enfatiza a duração, a continuidade, a estabilidade e as funções positivas da memória na vida social, Pollak se contrapõe ao focar os processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias coletivas, que lhes atribuem duração e estabilidade. Para ele, uma versão oficializada do passado coletivo não representa a recuperação do passado para todos os integrantes do grupo social, mas apenas para aqueles que conseguiram exercer a hegemonia nas relações de poder com os outros, uma vez que detendo o controle das práticas e dos lugares de memória privilegiam uma versão como oficial em detrimento de outras versões que, por não disporem dos mesmos espaços, exercem sua resistência representando-se por meios alternativos ou a partir do seu “silêncio”.

Assim, o consenso das memórias particulares, para que constituam uma memória coletiva cristalizada, é gerado a partir de disputas entre as memórias concorrentes, num jogo de negociações que tenta, com a menor perda possível de identificação de seus membros, conciliar memória coletiva e memórias individuais, elegendo aquelas que melhor se ajustam à identidade coletiva que se quer construir. “Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que *a memória e a identidade são valores disputados* em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.” (POLLAK, 1992: 204)

Essas proposições de Pollak estão em geral de acordo com certos representantes da “nova” história cultural, como Ginzburg e Thompson, que de formas diferentes propõem um compromisso ético e político para o historiador, de ouvir a voz dos homens e mulheres que não integraram os grupos sociais dominantes ou hegemônicos, buscando entender seus pontos de vista e suas versões do vivido, em suma, construindo com eles uma história “vista de baixo”.

Mais recentemente, tem ganhado espaços também a discussão sobre a internet como um novo e privilegiado lugar de memória, por propiciar que informações específicas de uma instituição, marcos de sua trajetória, depoimentos de seus membros, fotos de seus

personagens ilustres, enfim, vestígios de sua memória institucional, encontrem-se agora disponíveis também numa outra medida de acessibilidade, sem um referencial geográfico definido e a partir de outros meios que não somente o presencial. Assim como, as memórias dos membros desses grupos, proeminentes ou não, que encontraram aí, seja através dos sites oficiais, ou em sites particulares, espaço para defender suas versões desse passado coletivo, do qual fizeram parte.

Há um aumento significativo de instituições e grupos que se submetem a um processo de virtualização, numa tentativa de inserir-se numa espécie de *rede* de comunicação global, metáfora que remete ao conceito de ator-rede, o qual Latour, entende não só como a idéia de um vínculo estabelecido entre os participantes e das alianças que se formam, mas especialmente o que estes vínculos produzem e que efeitos decorrem de tais alianças.

“A sociedade da informação ou sociedade em rede é a sociedade cuja estrutura social foi construída em torno de redes de informação, a partir do desenvolvimento de tecnologias microeletrônicas que resultaram no aperfeiçoamento de sistemas computacionais que, por sua vez, estruturaram redes que conectam o mundo, com destaque para a Internet.” (CORRÊA, 2006:4)

De modo que, as diversas instituições e grupos criam sites e domínios na internet com o intuito de inserir-se nessa *rede*, onde os membros de quaisquer pontos, por mais afastados geograficamente que estejam, podem interagir.

Conseqüentemente, seus lugares de memória também se virtualizaram, podendo ser acessados virtualmente pelos membros do grupo, diretamente preocupados em tê-los disponíveis, por servirem como elemento fortalecedor de seus laços e identidade, como também por qualquer outro grupo ou indivíduo que de alguma maneira possa se interessar por seu conteúdo.

Ou seja, os lugares de memória no ciberespaço tornam-se, assim como seus representantes reais, o espaço da celebração, onde o culto à memória, é uma maneira bastante eficiente de atualizar o passado, a identidade dos grupos e os valores vividos que se deseja transmitir para as gerações seguintes que se agregam ao grupo em questão. A corporação dos matemáticos brasileiros encontra, então, nesse lugar/não-lugar exatamente a possibilidade de projetar suas lembranças e valores mais caros para o futuro, e de se fazer notar numa nova dimensão de registro, pelo hipertexto.

Ademais, com as tecnologias de comunicação e informação, destacando a internet, novas questões são colocadas quanto à disponibilização dos lugares de memória e da própria memória material. A memória que se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no

objeto, tende a manter-se ligada a tais elementos, que agora se encontram digitalizados, armazenados em sites e distribuídos na internet.

O acesso à memória da máquina é feito de maneira aleatória, independe de seqüência e de ordem para acessá-la. A informação contida é fragmentada não enquanto programa, mas pelas infinitas combinações que o ordenamento lógico, elementar, do programa permite. A lembrança do computador é aleatória, qualquer dado serve a qualquer momento, sem se importar com a ordem ou a seqüência. Aliás, se alguma seqüência pode ser feita, ela é dada pelo sujeito, e não mais pelos objetos. O que significa um ordenamento subjetivo e relativo, e não mais absoluto. A memória da informática se prefigura como peças de quebra-cabeças, com a diferença de que os quebra-cabeças tradicionais só podem constituir uma imagem. A lembrança da informática são peças de quebra-cabeças que permitem, simultaneamente, a criação de múltiplas imagens. Não possuindo suporte, e sendo capaz de conter todas/nenhuma mensagem, os dados tornam-se flexíveis e adaptáveis a qualquer outro suporte ou mensagem. (RIBEIRO, 2001:183)

O hipertexto, esse híbrido, que articula em sua composição, sons, imagens, palavras, todos, como afirmado acima, sujeitos à subjetividade do leitor, diferentemente de um texto impresso, linear e submetido a uma única seqüência lógica, é editado e (re)feito a cada acesso, podendo-se afirmar que não existe mais um texto, um roteiro, uma memória,... Apenas texto, roteiro e memória, tão fragmentados e em processo de (re)elaboração que já não se parecem com os estáveis textos imutáveis e presos ao papel. “O texto é posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metamórfico. [...] o texto torna-se análogo ao universo de processos ao qual se mistura.” (LÉVY, 1996: 48)

A hipertextualização mistura num só processo, funções da leitura e da escrita, na medida em que o sujeito participa da redação ou pelo menos da edição do texto que “lê”, já que determina sua organização final.

A seletividade da memória, outro ponto bastante discutido no âmbito mais geral da historiografia, também precisa ser pensada ao considerarmos o ciberespaço como lugar de oficialização de memórias.

A nossa contemporaneidade oferece uma outra possibilidade de memória coletiva, qual seja, a memória informacional. Diferentemente das memórias coletivas e individuais, esta apresenta-se como neutra e oferece a capacidade de armazenamento e de memória ilimitadas. [...] A memória informacional oferece um modelo extremamente homogeneizador, aparentemente satisfatório e competente; daí a importância das chamadas memórias subterrâneas na nossa contemporaneidade e dos defensores dos códigos livres na rede com seus trabalhos de subversão e de resistência a uma perspectiva política que aposta numa sociedade “globalizadora”, que justifica a “evolução”, o “progresso” a qualquer custo e tenta impor uma idéia apaziguadora, neutra e objetiva de ciência e tecnologia.” (RIBEIRO, 2001: 40-41)

De maneira que, a memória virtualizada não deve ser entendida como neutra, ou que não possua intencionalidade por quem a produziu. Não deixa de ser uma representação pela qual o grupo se quer fazer reconhecer, um conjunto de signos através do qual a

corporação se dá a ler. Podendo, num certo sentido, ser entendida como uma espécie de documento e, como tal, transporta uma gama de interesses subentendidos.

O documento não é inócuo. É antes de mais o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio, e o que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. Trata-se de um esforço das sociedades em construir certa imagem de si.

Portanto, se deve olhar para essas representações da memória coletiva dos grupos expostas na internet, em seus hipertextos, sem esquecer que não se encontra aí espaço para a manifestação das vozes dos personagens anônimos, que numa perspectiva escrita de manifestação da memória grupal já teriam sérias dificuldades em ser “ouvidas”, muito mais ainda quando se disponibiliza apenas uma espécie de versão final, passada a limpo, já caladas e resolvidas as questões sobre quais versões devem ser aceitas.

Referências:

- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In M. Dênis de (Org.), **Por uma Outra Comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 287.
- CORRÊA, Cyntia H. W. A socialidade no ciberespaço a partir da lógica da identificação. **Razon e palavra**. México, v. 2, n. 49, ano 11, p. 1-10, 2006. Disponível: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/Mesa%209/CORREACyntia.pdf>.
- GODOY, Karla Estelita. Ciberespaço e memória. In: COSTA, Icléia Thiessen Magalhães e ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (orgs). **Memória, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento” In: ROMANO, Ruggiero (Direção). **Enciclopédia Einaudi**. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997, pp. 95-123.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história. História & cultura**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. p. 17.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992;

- _____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. **Cultura histórica e as novas tecnologias da informação**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 2001.
- RIBEIRO, Raimundo D. do Prado; MURGUIA Eduardo I. Memória, história e novas tecnologias. **Impulso**. Piracicaba, v.12, n.28. p. 179-187, 2001. Disponível: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp28art15.pdf> - acesso em 01/03/2007
- SORGENTINI, Hernán. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 103-128, 2003.